





Isaac Nicolau Salum

JOSÉ SEBASTIÃO WITTER

O professor

Isaac Nicolau Salum é um caso perfeito do homem certo que escolhe uma profissão certa e a exerce com a certeza de estar contribuindo para o avanço da própria humanidade. Foi, é e será sempre o professor. O professor que acredita no que faz, faz com empenho e ensina de verdade... Suas obras de intelectual consagrado continuarão por muito tempo a “dar aulas” às gerações que nos sucederem.

A minha lembrança mais marcante do prof. Salum continua sendo aquela da minha adolescência... Nos primeiros dias de aula no Colégio Estadual e Escola Normal de Mogi das Cruzes. Ano de 1946...

Todos nós, recém-chegados à escola secundária, depois de um

difícil exame de admissão - o vestibular de então, que permitia aos meninos com diploma de grupo escolar entrar numa Escola Pública, e que escola pública!!! E, nesta escola pública, há quase 50 anos, aquele grupo de 40 alunos - todos traquinas (assim se referia a nós o prof. Salum) - esperava, com certa curiosidade e apreensão, o início das aulas de Latim... O titular da cadeira era o prof. Salum. Antes das primeiras aulas, nos pátios enormes e nos jardins bem cuidados do ginásio, veteranos e calouros falavam dos mestres, apontavam os que chegavam, identificavam alguns, outros eram novatos como nós, mas as expectativas eram enormes... De repente, entra pelo portão principal um homem alto, bem vestido, com uma pasta adequada e bonita e logo foi identificado como o professor de Latim. Sério, mas com um sorriso simpático, nos viu e dirigiu-se à sala dos professores...

A primeira aula do dia seria a de Latim... Entrou o professor com seu impecável "avental" branco, colocou a pasta sobre a mesa, destacou alguns papéis e livros, retirou o "diário de classe" e fez a "chamada" tentando fixar, no rosto de cada um, o nome que a ele correspondia... Como bom professor, gravava, de fato, em sua memória o nome e o rosto correspondentes e deles não se esquecia... Pude constatar esta sua memória prodigiosa ao reencontrá-lo, muitos anos depois, na rua Maria Antônia, por volta dos anos 60, e ele não só me reconheceu, como localizou-me na sala de aula do ginásio e disse: "Você continua com o ar traquinas de sempre... Como me lembro de suas traquinagens e de seus amiguinhos naquele ginásio de Mogi..." E passou a recordar a nossa histórica Mogi das Cruzes de então...

Voltemos ao mestre Salum, destas lembranças de menino. Pacientemente ele explicava a todos nós a importância de se aprender latim e lastimava que o grego já não fosse matéria obrigatória... Sabia, no entanto, com a sensibilidade que era também sua marca que todos nós preferíamos brincar e "jogar bola" a estudar as complicadas declinações que ele, com todo empenho, procurava amenizar, tornando o seu aprendizado o menos aversivo possível. E, todos nós, que com ele convivemos, não esqueceremos de sua forma de nos fazer gravar os sufixos de cada uma delas. Ele cantava e andava na frente da classe e, como bom maestro, exigia que os pequenos cantores o acompanhassem. Não era uma

metodologia ou um método elaborado ou cientificamente comprovado, mas era o jeito encontrado pelo professor verdadeiro, que nos fazia, em pouco tempo, estar recitando ou cantando trechos em latim, nas horas do intervalo regulamentar das aulas - a hora do recreio. Brincando como ele, o prof. Salum, muito aprendemos do latim, mas mais ainda do papel do professor.

Todos nós daquela geração do ginásio de Mogi das Cruzes não esqueceremos também do seu exemplo, como mestre que era, de minimizar o terror das "chamadas orais" ou das "provas mensais", formas de avaliação da aprendizagem desse período. O que fazia Salum, ironizando as suas origens étnicas? Dizia que "como turco" ele fazia empréstimos de notas para os que não tirassem 5 nas provas mensais e que os empréstimos feitos, que ele contabilizava num caderninho próprio, seriam descontados durante o ano ou totalmente cobrados com juros no final do semestre ou no término do ano letivo. Anunciava e cumpria, de fato. Era respeitado por sua maneira de agir. Tinha credibilidade entre todos nós. E era uma "operação simples", como ele dizia. Ao longo das seis provas ou oito, realizadas durante o ano e os três exames (dois escritos em junho e novembro/dezembro e outro oral em dezembro), o aluno ia obtendo notas... Suponhamos que tirasse, na seqüência, 3, 4, 7. O professor emprestava 2 + 1 para que as duas primeiras notas fossem 5 e quando o aluno tirava 7 ele cobrava os 2 e o deixava com 5, e o aluno permanecia devendo 1... E assim até o "terrível" Exame Oral, quando, na soma do débito e do crédito, ele era ou não aprovado... Trabalhoso para o professor, mas descontraído para todos os seus alunos. Que angústia, que seriedade, que bondade, sem concessões no entanto.

Era uma outra época, em que professor era figura de destaque na sociedade.

Uma crônica de Ignácio de Loyola Brandão ("Sim, Professores São Perigosos", in *O Estado de S. Paulo*, 12/09/93) retrata o tipo de escola pública onde Salum lecionava:

"... No colégio estadual, onde a imensa maioria, mais de oitenta por cento, estudava, quando o professor entrava na classe todos se levantavam. Mesmo os mais rebeldes, aqueles que precederam James Dean em poucos anos. Todo mundo de pé, no maior silêncio. Claro que havia algazaras (a palavra é da

época), se colava, se procurava perturbar, se era suspenso, havia expulsões - uma sensação! Mas não se facilitava. Havia a nota e a média para se passar. Concedia-se uma segunda época, o que nos obrigava a estudar as férias inteiras e a enfrentar de novo o terror das bancas orais e escritas. Reprovava-se. Reprovados eram olhados diferentemente. Não chegavam a ser marginais, porém 'valiam menos pontos'. No meu ginásio (o segundo grau de hoje) existiam acho que doze ou treze matérias. Ficou numa, pronto, repetia-se de ano. Português quase diário, a língua é a pátria (vocês conhecem o verso de Fernando Pessoa). Inglês, francês, latim, espanhol. No pré-universitário (científico e clássico) havia - imaginem - filosofia...".

Nela estávamos, em outra região geográfica distante de Loyola Brandão, vivendo a mesma experiência.

Salum acompanhava suas classes e seus alunos e ia tratando a todos de forma diferente, à medida que cresciam e amadureciam. Sabia dosar a matéria, sabia distinguir as personagens e personalidades, sabia o que era preciso fazer em momentos diferentes de um ano letivo. Sabia premiar como sabia punir, endurecendo muitas vezes, mas sempre com muita ternura... Foi um professor secundário de seu tempo e formou muitos jovens que acabaram engenheiros, médicos, dentistas, advogados e também professores. Os que escolheram seguir o mes-

tre nesta profissão, ao mesmo tempo pensar e gratificante, tiveram nele um modelo a ser seguido. Muitos de nós, que como ele passamos por diferentes graus de ensino, saindo da experiência do professor normalista para chegar às funções de professor universitário, sabemos o que ele nos queria inculcar quando dizia que só fôssemos "dar aulas" se realmente "gostássemos de crianças e não gostássemos de ser ricos". Queria dizer que gostássemos de dar aulas e não de ter posses além daquelas que nos permitissem uma vida segura e digna para exercer, como ele exercia, o magistério.

Esse colégio exigente frequentávamos nós, filhos de imigrantes, filhos de pais tradicionais nas cidades, filhos de homens de posse, filhos de proletários... E todos nós, aprovados em primeira ou segunda época, acabávamos chegando às diferentes profissões, depois de ter ou não passado pelas universidades. Mais ou menos escolarizados, todos estávamos sendo preparados para enfrentar a vida e seus obstáculos... Alguns mais, outros menos, mas todos saímos dessa escola com marcas indeléveis deixadas por homens que exerciam a nobre e digna profissão de ensinar... Dentre esses muitos homens está Isaac Nicolau Salum, um homem que acima de tudo foi professor. E, como professor, soube orientar sem tolher, exigir sem impor, e deixar fluir as qualidades de cada um.

Eu sinto saudade desse homem, desse ser diferenciado, desse professor que foi Mestre: Isaac Nicolau Salum.